

# Coletivo Contrafilé: arte participativa, educação e política como ação

*Coletivo Contrafilé: participatory art,  
education and politics as action*

CLÁUDIA VICARI ZANATTA\*

Artigo completo submetido a 4 de janeiro de 2018 e aprovado a 17 janeiro 2018

\*Brasil, artista e professora de artes visuais.

AFLIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Rua Senhor dos Passos, 248, Porto Alegre — CEP 90020-180, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: claudia.zanatta@ufrgs.br

**Resumo:** O artigo aborda a prática artística do Coletivo Contrafilé por meio da análise da proposta “Espaço-dispositivo para conversar sobre a escola que queremos: se a escola se repensa, o que acontece com os outros espaços?”. A proposta surgiu a partir da ocupação de escolas públicas de São Paulo por estudantes em 2016. Nesse contexto, Contrafilé criou o que denominou como “espaços dispositivos” ao invés de “espaços expositivos”, concomitantemente, no Museu de Arte de São Paulo e em escolas públicas para debater entre estudantes, educadores, artistas, pesquisadores e comunidade a respeito das relações entre arte, política e educação.

**Palavras chave:** Coletivo Contrafilé / arte participativa / educação / estudantes.

**Abstract:** *The article discusses the artistic practice of the Coletivo Contrafilé through the analysis of the proposal “Space-device to talk about a school we want: if the school is rethought, what happens with the other spaces?”. The proposal emerged from the occupation of public schools in São Paulo by students in 2016. In this context, Contrafilé created what he called as “devices spaces” instead of “exhibition spaces”, concomitantly, at the Art Museum of São Paulo and in Public schools to debate among students, educators, artists, researchers and community on the relationship between art, politics and education.*

**Keywords:** *Collective Contrafilé / participatory art / education / students.*

## Introdução

Em um canto de uma grande sala com paredes de vidro estão organizados, em círculo, uma série de banquinhos de madeira clara e algumas mudas de árvores. Dentro do círculo, no chão, estão dispostas aleatoriamente imagens de estudantes impressas em papéis; ao fundo, colados na parede, há cartazes sobre algumas das proposições do grupo Contrafilé. Um tapete verde demarca esse espaço, fazendo desse uma espécie de clareira (Figura 1).

Nos mesmos banquinhos de madeira clara vemos jovens e adultos conversando. Uma muda de árvore encontra-se agora no meio do círculo (Figura 2).

Ao invés de um espaço expositivo, um espaço dispositivo. Dentro de um museu.

Ao invés da sala de aula, um espaço dispositivo. Dentro de uma escola.

As três situações descritas acima têm relação com uma proposta do grupo paulista Contrafilé, realizada em 2016, concomitantemente no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e em escolas públicas paulistas ocupadas. Os ambientes das ocupações foram ágora para encontros de estudantes, artistas, pesquisadores e comunidade em geral, visando produzir e dar vida ao que foi chamado de “Espaço-dispositivo para conversar sobre a escola que queremos: se a escola se repensa, o que acontece com os outros espaços?”. É a respeito dessa proposta articulada pelo coletivo Contrafilé que o presente artigo irá tratar.

### 1. Espaços dispositivos para pensar (e repensar)

O coletivo Contrafilé, formado pelos artistas e educadores Cibele Lucena, Jerusa Messina, Joana Zatz Mussi, Peetssa e Rafael Leona, foi criado no início dos anos 2000, em São Paulo, e desenvolve uma prática artística vinculada ao meio urbano contemporâneo. Seus membros se auto-definem como “um grupo de investigação e produção de arte que trabalha a partir de sua experiência cotidiana na cidade de São Paulo” (Contrafilé, 2016). O grupo se inscreve historicamente no contexto de coletivos brasileiros surgidos nos anos 90, para os quais as noções de engajamento político, o (faça por si mesmo, sem esperar que outros o façam), a atuação em rede e o foco nas dinâmicas das cidades contemporâneas são preponderantes. Nesse panorama, muitos coletivos passaram a sublinhar e estreitar as relações entre arte e política e a colocar em xeque a noção de autonomia da arte. Segundo Contrafilé:



**Figura 1** - Contrafilé, 2016. Espaço dispositivo.  
Exposição . Museu de Arte de São Paulo, São Paulo.  
Foto: Júlio Cardoso

**Figura 2** - Contrafilé, 2016. Espaço dispositivo.  
Exposição Museu de Arte de São Paulo, São Paulo.  
Fonte: <https://www.facebook.com/grupocontrafile/photos>



**Figura 3** - Figura 3. Contrafilé, 2016. Espaço dispositivo.  
Exposição Museu de Arte de São Paulo, São Paulo.  
Fonte: <https://www.facebook.com/grupocontrafile/photos>

*Para nós, a arte é aquilo que ativa a ação, especialmente a ação política, no sentido de produção de mundos. Assim, não é possível encerrar o artista como uma categoria ou uma posição, porque ser artista é, em nosso entendimento, mais uma possibilidade que atravessa todo mundo.*

(D'Ambrosio, 2017:1).

A afirmação de que a arte “é mais uma possibilidade que atravessa todo mundo” indica que para o Contrafilé todos somos criativos, inventivos. Para o coletivo, há também o entendimento de que qualquer assunto concerne à arte, sendo esse um campo não isolado de problemáticas sociais. De acordo com o grupo:

*... não nos interessa tanto pesquisar uma linguagem artística específica — como performance, intervenção urbana etc. —, nem mesmo um tema ou assunto único; as linguagens, questões, formas e tempos de cada processo surgem de suas próprias necessidades, são os problemas que apontam e convocam suas experimentações formais e metodológicas.*

(D'Ambrosio, 2017:2).

Na prática do Contrafilé, um dos temas recorrentes é o da educação, sendo a filosofia do brasileiro Paulo Freire uma das principais referências na trajetória do grupo. Freire foi um pedagogo voltado à educação popular crítica e acreditava que, sem a transformação da educação, a sociedade não mudaria. Em sua atividade pedagógica, Freire deslocava a centralidade de uma escola focada em conteúdos a ser transmitidos, distanciada de problemáticas sociais e propunha como fundamental uma educação dialógica, gerada conjuntamente por professores e estudantes a partir de suas realidades específicas. A pedagogia pensada por Freire não descarta a presença do conflito de ideias e de variadas concepções de mundo, mas aponta justamente como sendo vital o encontro com a alteridade e com as diferenças para que se possa evoluir em qualquer âmbito, seja da arte ou da educação.

Em 2016, ano marcado no Brasil, entre outras manifestações de cunho social, por reivindicações para redução de tarifas no transporte urbano (continuidade da luta iniciada em anos anteriores por passe livre nos ônibus), ocupação por estudantes de escolas públicas sob risco de interdição e fechamento pelo governo, o grupo Contrafilé propôs discutir educação, ética e política em um momento de muita tensão, sob a urgência que emergiu dos movimentos sociais no país. A iniciativa de ocupação por estudantes ocorreu em escolas públicas e universidades de todo o país. Embora o contexto das ocupações em âmbito brasileiro seja muito particular, há consonância com outros movimentos que aconteceram em anos antecedentes a nível mundial, como o da Praça Tahrir, no

Egito (2011); o da Porta do Sol, na Espanha (2011); o do, nos EUA (2011); e o da Praça Taksim, na Turquia (2013).

Contrafilé discutiu as ocupações e as ações dos movimentos sociais durante e dentro dos espaços das próprias escolas públicas ocupadas em São Paulo, indicando um posicionamento não somente simbólico, mas efetivo de apoio à causa dos estudantes secundaristas. , ao ser convidado para participar da exposição, no Museu de Arte de São Paulo (Masp), o grupo cria o que vai denominar de “espaços dispositivos” ao invés de “espaços expositivos”. Falar em dispositivo significa propor um espaço não com o intento de mostrar, exibir, mas, sim, no sentido de abrir lugar para que algo possa ser ativado, inventado, vivido, construído a partir de um dado contexto e situação específicos.

### 1.1 Organização do espaço e o corpo nas escolas ocupadas

Os espaços dispositivos tanto no Masp como nas escolas ocupadas foram preparados para ser lugares de encontros entre estudantes, artistas, professores e comunidade em geral, sem hierarquias. Nas imagens que se vê de alguns espaços dispositivos, nota-se que as disposições de cadeiras, mesas nas salas de aula foram alteradas, deslocando o professor da tradicional posição de figura central para a qual todos os alunos, organizados em filas, olham. Nos espaços dispositivos, os participantes sentavam em círculo, conformando espécies de clareiras cujo centro tanto podia ser uma árvore como uma mesa-lousa. Clareiras talvez próximas da noção proposta pelo filósofo Martin Heidegger (2001), no sentido de espaços abertos para a entrada da luz, todavia mais próximas ainda da concepção de clareira como o espaço de convívio e de reunião habitual dos indígenas brasileiros para tratar de assuntos da tribo, muitas vezes, conversando sentados, em círculo. Tais conformações nos espaços dispositivo permitiram:

*(...) o ato de expor o nosso ponto de vista e de ter acesso ao ponto de vista do outro pela palavra e pelo “olho no olho”, porque estávamos todos sentados, formando uma circularidade que nos permitia alcançar o olhar do outro (Contrafilé, 2016:37).*

(Contrafilé, 2016:37).

A clareira nas aldeias brasileiras é envolta por mata. São as árvores que a margeiam, que definem o contorno de seu círculo. Nos espaços dispositivos, as árvores também estão presentes a indicar que os espaços são vivos, em crescimento. Contrafilé, em uma proposta do ano 2014, realizada na 31ª Bienal de Arte de São Paulo, denominada já havia trazido a simbologia da árvore “como testemunha do tempo e guardiã de histórias... Em A ÁrvoreEscola, discutimos a escola não

como quatro paredes, mas como um ser vivo, os seres vivos sendo as verdadeiras escolas, os verdadeiros lugares de sabedoria.” (D’Ambrosio, 2017:1).

Em outras imagens dos espaços dispositivos, no lugar de árvores, foram colocadas lousas escolares, ocupando a posição central, entretanto, nesse caso, elas foram deslocadas de sua posição habitual vertical para a horizontal, passando a constituir espécies de mesas em torno das quais as pessoas se reuniam para conversar munidas de pedaços de giz. Assim, as mesas-lousa, repositórios efêmeros característicos de todas escolas brasileiras ao reter momentaneamente o conhecimento transmitido de geração em geração mediante a escrita com giz, nos espaços dispositivos, passaram a ser locais nos quais os estudantes desenharam e escreveram a partir do que viveram.

Durante as ocupações pelos estudantes secundaristas, os espaços das escolas públicas foram usados de outras maneiras, não somente quanto à sua organização física, contudo, além de constituírem ambientes para estudar, serviram também para brincar, para ser lugares onde se viveram amizades, cuidou-se de um espaço físico, discutiu-se (e se fez) política, ética, viveu-se contradições e conflitos. Pergunta recorrente nos encontros ocorridos nos espaços dispositivos foi a respeito de que outros locais de aprendizagem existiam além da escola. Então, nesse escopo de indagações, os estudantes trouxeram o tema do corpo a partir de suas individualidades, sexualidade, padrões físicos. Perguntaram-se como criar um corpo coletivo que se deixasse afetar pelo outro e que convivesse com as tensões fruto da diversidade. Ademais, como esse corpo poderia ser potência em meio a um poder público que buscava por meio da força anulá-lo e controlá-lo (Figura 5).

Contrafilé comenta a respeito do lugar do corpo nas escolas ocupadas pelos estudantes:

*Nesse sentido, é um movimento micropolítico, que parte do lugar do corpo: “Estou nesta sala de aula e ela não pode fechar”. É uma rebelião do corpo afetado por uma situação macropolítica autoritária*  
(Contrafilé, 2016:10).

Suely Rolnik, reforça esse entendimento ao relatar sua sensação ao participar de um dos espaços dispositivos:

*Dá a impressão que esse corpo, antes das ocupações, é quase um corpo que não está vivo, como se fosse um morto vivo, um zumbi, inerte, só seguindo o que mandam. De repente, parece que o corpo acorda, tá vivo e toma a vida nas mãos. E se move, daí as cadeiras se movem, daí você*





**Figura 4** · Contrafilé, 2016. Espaço dispositivo mesa-lousa. Exposição Museu de Arte de São Paulo, São Paulo. Fonte: <https://www.facebook.com/grupocontrafile/photos>

**Figura 3** · Estudantes secundaristas protestam na Avenida Faria Lima, São Paulo, 2015. Fonte: <https://jornalgnn.com.br/noticia/ocupacao-das-escolas-no-brasil-uma-origem-a-cadeira-e-outras-dobras-na-ilha-de-papel>





**Figura 6** - Cartaz feito por estudantes secundaristas nas ocupações em São Paulo, 2015. Fonte: <https://www.facebook.com/grupocontrafile/photos>

*passa a ter a sensação de que teu corpo existe, de que esse espaço é teu e isso mexe com muita coisa da história do Brasil, porque o espaço não era teu, não é verdade? E não podia se mover. O que eu acho lindo é que isso mexe também em toda uma tradição parada* (Rolnik apud Contrafilé, 2016:56).

## Conclusão

O coletivo Contrafilé propõe uma prática artística crítica que busca redefinir usos e apropriações de espaços urbanos e tensionar as sempre complexas relações entre arte, política e cidade contemporânea. Ao tomar como exemplo uma de suas propostas, o espaço dispositivo vai indicar que tanto a arte como a escola precisam estar continuamente sendo repensadas, posto que não são algo dado, estabelecido, mas vivo, feito de pessoas. O espaço dispositivo foi um lugar ativado por meio da arte para que os estudantes discutissem que tipo de vida queriam e como poderiam construí-la diariamente. Que escola e cidade queriam e quais suas relações com a política.

A arte, ao mobilizar forças objetivas e subjetivas mescladas à complexidade da vida e às contradições do campo social, muitas vezes, é um caminho para gerar ações. A experiência no campo do sensível, vinculada a realidades concretas pode agregar, articular, contrapor, gerar outros modos de conceber o contemporâneo e o urbano. A prática artística do coletivo Contrafilé, por meio dos espaços dispositivos, lembra-nos que a cidade não está pronta e o espaço público não está dado. O mesmo ocorre com a arte e a educação, pois como escreveu Paulo Freire: “O mundo não é. O mundo está sendo” (Freire, 2004:76).

## Referências

- 31 Bienal de São Paulo (2014) Disponível em: <<http://www.31bienal.org.br/pt/post/1936>> Acesso em 10 de outubro de 2016.
- D’Ambrosio, Tiago Barbosa (2017) Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/a-cidade-como-arte-fato-contrafile>>
- Acesso em 6 de novembro de 2017.
- Freire, Paulo (2004) . São Paulo: Ed. Paz e Terra.
- Grupo Contrafilé, secundaristas de luta e amigos (2016). São Paulo: Masp/SESC Interlagos.
- Heidegger, Martin (2001). Petrópolis: Vozes.